

Discos fonográficos como fonte histórica

Análise do recém-descoberto selo Apollo, feito pela Casa A Electrica (1913-1923)

SANDOR CHRISTIANO BUYS*

RESUMO. *Com o intuito de contribuir para a formação de uma literatura sobre discos de música brasileira lançados na fase inicial da indústria fonográfica, ainda gravados por meios mecânicos (1902-1927), neste trabalho os discos Apollo são analisados. Estes discos são peculiares em não possuir identificação de onde foram gravados ou prensados, provavelmente por isso passaram despercebidos por outros pesquisadores e não tinham sido mencionados na literatura até o momento. São apresentadas descrições detalhadas do corpo dos discos e dos selos; são comentados os passos dados para associar o selo Apollo à gravadora porto-alegrense Casa A Electrica e são feitas comparações com outros selos desta gravadora. Por fim, a falta de identificação do fabricante no selo Apollo é discutida. Procurou-se demonstrar neste trabalho que discos fonográficos podem ser fontes históricas importantes quando analisados em detalhe e de forma comparada.*

PALAVRAS-CHAVE: *indústria fonográfica; discografia; disco 78rpm; Casa A Elétrica; Casa Edison*

Phonographic discs as a historical source: analysis of the recently discovered Apollo label, made by Casa A Electrica (1913-1923)

ABSTRACT: *As a contribution to the literature on Brazilian music discs released in the early stage of the mechanical phonographic industry (1902-1927), this article analyzes the Apollo discs. They are peculiar because they do not have identification of where they were recorded or pressed; that is probably why they went unnoticed by other researchers and had not been mentioned in the literature so far. Detailed descriptions of the discs are presented, as well as the steps taken to associate the Apollo label with Porto Alegre recording company Casa A Electrica, including comparisons with other labels of this company. Finally, the lack of identification of the manufacturer on the Apollo label is discussed. We conclude that phonographic records can be important historical sources when analyzed in detail and in a comparative way.*

KEY-WORDS: *Discography; Phonographic industry; 78rpm discs; Casa A Elétrica; Casa Edison*

* Bolsista de Pesquisa em Música do Instituto Moreira Salles, Rio de Janeiro.
E-mail: sandor.buys@gmail.com

Introdução

Registros musicais lançados originalmente em discos de 78 rpm têm sido cada vez mais alvo de interesse de pesquisadores da música popular brasileira, que, por exemplo, utilizam fonogramas ou textos de canções como documentos históricos (e.g. PESSOA & FREIRE, 2013; PÉREZ-GONZALEZ, 2018a) ou que abordam distintos tipos de relação do mercado fonográfico com a música (e.g. GONÇALVES, 2013; PÉREZ-GONZALEZ, 2018b; ARAGÃO, 2017). Esse olhar e essa nova escuta foram possibilitados pelo advento das tecnologias que permitiram a digitalização e ampla divulgação de acervos de discos, até então restritos a colecionadores particulares. Contudo, permanecem escassas as pesquisas que usam os próprios discos como fonte documental. Os discos da fase inicial da indústria fonográfica, ainda gravados por meios mecânicos (no Brasil, de 1902 a 1927), talvez mesmo pela precariedade com que eram fabricados, são especialmente ricos em trazer no próprio corpo vestígios de fabricação que podem ser fontes de informação sobre processos industriais, além de muitas vezes trazerem chaves que permitem localizar corretamente onde e quando foram gravados, ou se são lançamentos originais ou relançamentos.

A Casa A Electrica, de Porto Alegre, foi um dos primeiros estabelecimentos a gravar discos no Brasil. Fundada em 1908 por dois irmãos nascidos na Itália – Savério e Emilio Leonetti –, inicialmente foi uma loja de artigos diversos que se expandiu e passou a gravar discos em 1913. Já no ano seguinte, 1914, inaugura uma fábrica própria para prensar suas gravações, tendo um importante papel na cultura e no comércio do cone sul de nosso continente até 1923, quando entra em falência. Dados históricos sobre a Casa A Electrica são fornecidos por Faria (2001), Vedana (2006), Santos (2011) e Cascaes (2016). Santos *et al.* (1982) fizeram uma primeira compilação da produção de discos da gravadora gaúcha. Posteriormente, Vedana (2006, CD 3 anexo ao livro) apresentou um catálogo bem mais completo, porém ainda com muitas lacunas a serem esclarecidas. O musicólogo Flávio Silva se empenhou em atualizar o catálogo de Vedana (2006), mas seu falecimento em 2019, impediu a conclusão deste trabalho, que circula hoje em dia em cópias não publicadas entre pesquisadores e colecionadores de discos (SILVA, não publicado)

Estudando gravações pioneiras de música brasileira, tive oportunidade de examinar exemplares de discos com o selo *Disco Apollo*, ou simplesmente *Apollo*, selo que não foi mencionado anteriormente na literatura (e.g. SANTOS *et al.*, 1982; PAIXÃO-CORTES, 1984; FRANCESCHI, 1984; 2002; VEDANA, 2006) e que curiosamente não traz referências de onde foram gravados ou prensados. A partir de uma análise comparativa pude associar estes discos à Casa A Electrica. No presente trabalho, os passos dados para a identificação dos discos são comentados e os discos *Apollo* são descritos, ilustrados e comparados com discos lançados em outros selos da

Casa A Electrica. Por fim, uma discussão sobre a falta de identificação dos fabricantes no selo *Disco Apollo* é apresentada.

Este trabalho faz parte de um esforço para suprir a escassez de publicações que permitam interpretar e identificar os discos produzidos durante a fase inicial da indústria fonográfica brasileira e busca demonstrar como discos desta fase podem ser ricamente usados como fonte histórica através de análises comparativas, se detalhadamente descritos.

Procedimentos

Material examinado

Foram examinados discos das seguintes coleções particulares (acrônimos entre parênteses): Gilberto Ignácio Gonçalves, de São Paulo, (GIG), Milton Schmidt, do Rio Grande do Sul, (MS) e Sandor Christiano Buys, do Rio de Janeiro, (SCB). Os discos examinados são listados nos resultados e associados às coleções de origem pelos acrônimos dos colecionadores. Não foram encontrados exemplares de discos *Apollo* em coleções institucionais.

Transcrição dos selos e análise dos discos

Procurou-se transcrever por extenso toda informação contida nos selos dos discos, sendo as seguintes convenções adotadas: (1) informações escritas em linhas distintas nos selos foram separadas por uma barra oblíqua (/); (2) palavras escritas em caixa alta nos selos foram transcritas com a mesma formatação; (3) o título da música foi destacado em negrito; (4) a grafia de todas as palavras foram mantidas, inclusive a ortografia da época e os possíveis erros gramaticais ou tipográficos.

Os discos observados estavam em bom estado de conservação. A maior parte da informação existente nos discos pode ser observada através de inspeção simples. Uma lupa manual foi usada para examinar especialmente as informações escritas na massa dos discos.

Resultados e discussão

Descrição do selo Disco Apollo

Diâmetro: 8,5 cm. Marrom escuro, brilhante, com escritos e ornamentações em dourado. Uma linha dupla, sendo a externa mais larga, emoldura a circunferência do selo. O nome *Disco Apollo*, escrito em caixa alta e em linha curva, aparece ocupando quase toda a metade superior do selo, bordeando a margem. Na parte central da

metade superior há uma ornamentação simples, com poucos detalhes, em forma de semicírculo, delimitada por uma linha dupla. Na metade inferior do selo é colocado o título da música gravada, na maioria dos discos observados em caixa alta. Abaixo, em linhas distintas, seguem as seguintes informações nesta sequência: gênero, autor (apenas em alguns exemplares), intérprete e número de série.

Figuras 1-6. Selos de discos produzidos pela Casa A Electrica e selo Era. 1. Apollo; 2. "Gaúcho-rosa"; 3. Era (argentino); 4. "Gaúcho-tricolor"; 5. "Gaúcho-preto-e-branco"; 6. "Gaúcho-vermelho"



Fonte: coleção SCB

Características gerais dos discos Apollo

Figuras 7-11. Selos de discos produzidos pela Casa A Electrica. 7-8. Selo Phoenix, produzido em parceria com a Casa Edison de São Paulo, mostrando, em detalhe ampliado, a marca da litografia de João Petersen. 9-11. Detalhes dos discos Apollo: número de série manuscrito sob o selo (9), letra isolada na margem interna de um disco (10) e marca 1³T (11)



Fonte: coleção SCB

Os discos possuem 25 cm de diâmetro e são gravados em ambos os lados. Há arestas na margem externa (região entre a borda externa do disco e o início da faixa com sulcos de gravação) e interna (região entre o selo e o fim da faixa com sulcos de gravação) e um sulco de arremate não gravado que conduz à aresta interna. Estas arestas são uma característica comum encontrada em discos produzidos por várias fábricas durante as duas primeiras décadas do século XX, da mesma forma que o sulco de arremate, que podia estar ou não presente. O número de série aparece impresso na margem interna e, em alguns exemplares, também aparece manuscrito a estilete na massa do disco sob o selo (Fig. 9); talvez o número de série manuscrito esteja sempre presente, mas por estar na região encoberta pelo selo nem sempre seja visível. Não foram observados números que possam ser identificados como sendo referentes à matriz (número de matriz) em nenhum dos exemplares. Na margem interna apareceram, em exemplares distintos, as letras R, N, F ou G escritas em maiúsculo e isoladas (Fig. 10); o significado destas letras não foi identificado; nesta região também

aparece a marca 1^3T (Fig. 11), também sem significado identificado, porém importante, pois também aparece em discos com selo *Gaúcho*. As faces acopladas (lados do disco) não seguem uma numeração sequencial. Foram encontrados dois discos com a polca *Bela cachoeirense* (número de série 70.537) acoplados com fonogramas distintos, mostrando que a acoplagem pode variar.

Associação dos discos Apollo à Casa A Electrica

Em regra, os discos da fase mecânica de gravação no Brasil possuíam identificação de onde eram gravados e muitas vezes de onde eram prensados. É um fato bem peculiar os discos *Apollo* não trazerem nenhum indício que possibilite identificar prontamente sua origem. Também diferindo da grande maioria dos discos produzidos na época, os fonogramas não trazem uma introdução falada, onde a casa gravadora é anunciada. Possivelmente devido a essas características, passaram despercebidos por pesquisadores que se dedicaram ao estudo dos discos produzidos pela Casa A Electrica (e.g. SANTOS *et al.*, 1982; PAIXÃO-CORTES, 1984; VEDANA, 2006; SANTOS, 2011).

O primeiro passo da associação dos discos *Apollo* com a Casa A Electrica foi a descoberta do disco com a polca *O Leonetti* (Fig. 1), título que remete imediatamente ao nome dos irmãos que fundaram a gravadora gaúcha – Savério e Emílio Leonetti. A partir daí, observou-se a coincidência dos nomes dos intérpretes, referidos como *Quartetto da Casa* e *Banda da Casa*, da mesma forma que observado nos primeiros lançamentos com selo *Disco Gaúcho*. Além disso, os caracteres tipográficos com que são escritas as informações no disco são semelhantes aos encontrados em exemplares de discos *Gaúcho*. No entanto, o que permitiu associar de forma inequívoca os *Discos Apollo* com a Casa A Electrica foi a descoberta do mesmo fonograma *O Leonetti* também lançado em selo *Gaúcho* (Fig. 2), ambos inclusive com mesma marca 1^3T , que, embora seja um vestígio do processo de fabricação dos discos sem um significado identificado, não foi observado em outros exemplares da época das gravações mecânicas no Brasil e, até que se mostre o contrário, pode ser usado como um marcador para identificar discos da fábrica da Casa A Electrica. Posteriormente, a busca por novos exemplares em coleções permitiu a descoberta de outras faces de *Disco Apollo* com correspondentes em selo *Gaúcho*.

Todos os discos *Apollo* encontrados estão associados à fase inicial da produção da Casa A Electrica, nas séries 12.000, 13.000 e 70.000, conforme listado abaixo. Esta fase se situa no segundo semestre de 1913 até a inauguração da fábrica de discos da gravadora gaúcha, em agosto de 1914. Nesta fase os discos eram lançados com o chamado selo “Gaúcho-rosa” (Fig. 2) e eram prensados na fábrica Odeon, da Casa Edison do Rio de Janeiro (FRANCESCHI, 1984; VEDANA, 2006).

Lista comentada de discos Apollo examinados e associação com discos Gaucho

12.518. **UM CHORO** / Polka / Executado do Quartetto da Casa

Outro lado: 12.583.

Coleção: SCB.

Comentários. O fonograma foi comparado ao do disco *Gauchos* 540, que possui informações semelhantes no selo (Fig. 10) (coleção SCB), e constatou-se serem ambos a mesma gravação lançada com selos e número de série distintos. Vedana (2006) registra o disco *Gauchos* 12.518 com selo “Gaúcho-rosa” e dados idênticos ao deste disco *Apollo*, portanto, muito provavelmente possuem também o mesmo fonograma.

12.583. **O LEONETTI** / Polka / Executado do Quartetto da Casa

Outro lado: 12.518.

Coleção: SCB.

Comentários. Vedana (2006) registra uma polca e um schottisch de nome *O Leonetti*, gravadas respectivamente nos discos de número de série 801 e 1011, pelo *Grupo Hamburguez* e *Grupo Infernal*. Não foi possível ouvir os dois últimos fonogramas, mas é provável que se trate da mesma música, considerando que era comum nos discos da Casa A Electrica o gênero constante no selo claramente divergir do gênero da música gravada. Contudo, as diferenças do nome do intérprete sugerem que se trate de gravações distintas.

Série 13.000

13.723. **IDOLO** / Polka / Executado do Quartetto da Casa

Outro lado: 13.733.

Coleção: MS.

Comentários. Além do disco em questão, foram observados mais dois discos, ambos da coleção MS, com uma música intitulada *Ídolo: Gauchos* 13.723, onde a música é citada como polca e interpretada pelo *Quarteto da casa*, e *Gauchos* 824, onde a música é citada como valsa e interpretada pelo *Grupo Hamburguez* (o disco *Gauchos* 824 consta na discografia de VEDANA, 2006). A audição dos três fonogramas citados (Milton Schmidt, comunicação pessoal) possibilitou tirar as seguintes conclusões: (a) os três discos trazem a mesma música, que na verdade é uma valsa, não uma polca; (b) os discos *Apollo* 13.723 e *Gauchos* 13.723 aparentemente apresentam o mesmo fonograma; (c) aparentemente a gravação contida no disco *Gauchos* 824 é diferente das citadas anteriormente, como sugerido pelo nome distinto do intérprete no selo.

13.733. **IMPLORANDO** / Polka / Executado do Quartetto da Casa

Outro lado: 13.723.

Coleção: MS.

Comentários. Dados idênticos aos encontrados neste disco foram observados no disco *Gaúcho* 13.733, com selo “Gaúcho-rosa” (coleção MS), o que sugere que seja o mesmo fonograma. Vedana (2006) cita uma valsa com mesmo título gravada pelo *Grupo Hamburguez* no disco de *Gaúcho* 821, que possivelmente é outra gravação da mesma música.

Série 70.000

70.520. **Choro Rio-grandense** / Polka / por Pedro Borges / Executado da Banda da Casa

Outro lado: 12.537.

Coleção: SCB.

70.537. **Bella Cachoeirense** / Polka / por Pedro Borges / Executado da Banda da Casa

Outro lado: 12.520, 70.538.

Coleção: GIG, SCB.

70.538. **Lembranças do Passado** / Schottisch / por Pedro Correa Borges / Executado da Banda da Casa

Outro lado: 12.537.

Coleção: GIG.

70.545. **LUIZA** / Mazurka / Choro de Clarinetto

Outro lado: 12.546.

Coleção: SCB.

Comentários. Vedana (2006) registra o disco *Gaúcho* 70.545 com a mazurca *Luisa* [sic], interpretada por: “Choro de Clarinete (solo) Artista da Casa”, tratando-se provavelmente do mesmo fonograma lançado em selo *Apollo*.

70.546. **Amor de Mae** / Valsa / Choro de Clarinetto

Outro lado: 12.545.

Coleção: SCB.

Comparação do selo Apollo com outros selos da Casa a Eléctrica

Até então, eram conhecidos apenas dois selos utilizados pela Casa A Electrica para rotular discos com música brasileira: o selo *Disco Gaúcho*, ou simplesmente *Gaúcho*, e o selo *Phoenix* (Fig. 7). O primeiro teve quatro versões: “Gaúcho-rosa” (Fig. 2), “Gaúcho-tricolor” (batizado assim por Paixão Cortes) (Figs 4, 13), “Gaúcho-preto-e-branco” (Fig. 5) e “Gaúcho-vermelho” (Fig. 6). O selo *Phoenix*, por sua vez, até onde se sabe, foi utilizado apenas para relançamento de fonogramas originalmente lançados em selo *Gaúcho*, o que foi feito em parceria com a Casa Edison

de Gustavo Figner, em São Paulo. Estes discos não devem ser confundidos com os discos gravados e lançados exclusivamente pela Casa Edison de São Paulo e que possuíam selo *Phoenix* quase idêntico e eram prensados na Alemanha, todos na série 70.000. Discos com gravações estrangeiras que foram prensados na fábrica da Casa A Electrica ganharam selos como *Artigas*, *Atlanta*, *Era* e *Tele-phone* (ilustrados por VEDANA, 2006). Esses selos visavam basicamente atender ao mercado argentino e uruguaio e foram produzidos em parceria com empresários estrangeiros.

Figuras 12-13. Dois selos de discos produzidos pela Casa A Electrica com o mesmo fonograma. 12. *Apollo* (a cor do selo está esmaecida por ter perdido parte da pigmentação provavelmente por contato com água); 13. *'Gaúcho-tricolor'*



Fonte: coleção SCB

Os dados levantados até o momento sugerem que o selo *Apollo* foi feito exclusivamente para relançar fonogramas originalmente lançados com selo *"Gaúcho-rosa"* (Fig. 2). Este selo foi o primeiro da Casa A Electrica, conforme demonstrado pela descrição apresentada à Junta Comercial de Porto Alegre em junho de 1913 e transcrita no jornal *A Federação* em 04 de julho daquele mesmo ano. O selo trazia um desenho idêntico ao do selo argentino *Era* (Fig. 3) e, no mais, diferia apenas em detalhes, o que é uma evidência das relações que a Casa A Electrica mantinha com a indústria de discos rio-platense desde o início de sua produção fonográfica, como comentado por Paixão-Cortes (1984) e Vedana (2006). Sobre o selo *"Gaúcho-rosa"*, é interessante observar que se encontram hoje em coleções exemplares desbotados pela perda da pigmentação rosa original e raros exemplares que aparentemente foram lançados originalmente com o fundo branco.

O selo “Gaúcho tricolor” (Figs 4, 13), sem dúvida inspirado no selo *Era* (Fig. 3), foi criado para rotular os discos que passaram a ser prensados na fábrica da Casa A Electrica, em 1914, e é o selo que está na grande maioria dos discos da gravadora gaúcha encontrados hoje em dia em coleções. Existem pequenas variações neste selo, a mais notável talvez seja uma faixa branca onde se coloca o título da música, que pode estar presente (Fig. 4) ou ausente (Fig. 13). O selo “Gaúcho-preto-e-branco” (Fig. 5), que tinha o desenho similar ao do “Gaúcho-tricolor”, porém com o fundo branco, aparentemente foi usado apenas em alguns discos lançados na série 1000. O selo “Gaúcho-vermelho” (Fig. 6) bastante semelhante ao selo *Phoenix*, segundo Vedana (2006), tinha o objetivo de associar de alguma maneira as marcas *Gaúcho* e *Phoenix* no mercado paulista.

Vedana (2006) afirma que a arte gráfica dos selos “Gaúcho-tricolor” e “Gaúcho-vermelho” foram criações de João Petersen, ilustrador que tinha, àquela época, uma das maiores oficinas litográficas de Porto Alegre (HEIDRICH & RAMOS, 2018). Devido à grande semelhança, parece bastante provável que este mesmo litógrafo também tenha criado o selo “Gaúcho-preto-e-branco”. Além disso, a inscrição *Lit. J. Petersen* aparece em alguns exemplares de discos *Phoenix* prensados pela Casa A Electrica (Figs 7, 8), indicando ser sua também a autoria da arte gráfica deste selo. Devido a ligação da Casa A Electrica com a oficina litográfica de João Petersen e às semelhanças morfológicas e tipográficas entre os selos, parece provável que este mesmo litógrafo tenha criado também o selo *Disco Apollo*.

Data de lançamento e local de prensagem

Não é possível, com os poucos dados disponíveis no momento, dizer com precisão quando os discos *Apollo* foram lançados. A possibilidade dos discos *Apollo* serem algum tipo de experiência feita anteriormente aos discos “Gaúcho-rosa” ou que tivessem sido prensados fora do Brasil não é suportada por nenhum tipo de evidência. Também não há indícios que apontem para a possibilidade de os fonogramas em questão terem sido lançados concomitantemente com selos distintos, até porque não teria sentido supor que o Fred Figner, especialmente por razões relacionadas à patente, prensasse discos duplos para outra marca que não a Odeon, conforme discutido abaixo. O que parece certo é que os discos *Apollo*, diferente dos discos rotulados com o selo “Gaúcho-rosa”, não foram prensados na fábrica Odeon do Rio de Janeiro, mas sim foram produzidos na fábrica da Casa A Elétrica, portanto, a partir de 1914.

Número de discos lançados

Outra informação ainda incerta sobre o selo *Apollo* é o número de discos ou fonogramas lançados. Mesmo uma estimativa do número de discos produzidos na fase inicial da Casa A Elétrica parece precipitada neste momento. A lista de discos feita

por Vedana (2006), que é a mais completa publicada, apresenta 95 fonogramas desta fase, lançados em 10 séries, conforme a Tabela 1. Os discos gravados neste período da indústria fonográfica eram lançados, em geral, em séries com numeração sequencial e sem lacunas, de forma que se pode estimar o número de discos lançados em uma determinada série cotejando os números de série mais baixo e mais alto encontrados. Contudo, antes de ser possível ter um catálogo mais completo da produção de discos *Gaúcho*, acredito que não seja seguro usar este método para estimar a produção da Casa A Electrica.

Tabela 1. Séries e número de fonogramas da fase inicial da Casa A Electrica, lançados em discos de um lado só, com selo “Gaúcho-rosa”

Série	Nº de série mais baixo encontrado	Nº de série mais alto encontrado	Nº de fonogramas conhecidos por série
5.000	5.735	-	1
9.000	9.640	-	1
11.000	11.016	11.489	2
12.000	12.368	12.518	3
13.000	13.671	13.767	4
42.000	42.202	42.371	4
48.000	48.257	48.464	63
49.000	49.106	49.338	2
61.000	61.590	61.713	5
70.000	70.493	70.566	10
			Total = 95

Fonte: elaborado pelo autor com base em dados apresentados por Vedana (2006, CD 3 anexo ao livro)

Por que produzir uma marca sem identificação do fabricante?

Por fim, é interessante pensar em suposições sobre os porquês da falta de identificação do fabricante nos discos *Apollo*. Neste sentido, dois pontos devem ser ressaltados: (1) salvo alguma outra possível exceção, todos os discos produzidos por meios mecânicos no Brasil vinham com identificação do fabricante, o selo *Disco Apollo* é único neste sentido; (2) em princípio, parece vantajoso para o fabricante identificar seus produtos e divulgar suas marcas, como acontece em geral no comércio. Desta forma, é difícil imaginar que a falta de identificação nos *Discos Apollo* fosse um esquecimento casual. Então, seria proposital não informar a origem do fabricante nos discos *Apollo*? Por que isso aconteceria?

A amostra de discos *Apollo* que temos sugere que eles eram relançamentos, em discos duplos (gravados em ambos os lados) de fonogramas lançados originalmente em chapas simples (gravadas em um lado só) em selo “Gaúcho-rosa”.

Acontece que Fred Figner, proprietário da Casa Edison do Rio de Janeiro, detinha com exclusividade a patente que permitia comercializar os discos duplos no Brasil (FRANCESCHI, 1984, p. 58-61; 2002, p. 110-112), o que representava uma vantagem muito grande em relação aos concorrentes, já que o preço de venda individual dos fonogramas em discos duplos era mais baixo e atraía mais consumidores. Figner chegou a processar concorrentes que insistiram em vender discos duplos não autorizados, o que gerou, por exemplo, um importante caso de apreensão de disco na Casa Faulhaber (FRANCESCHI, 1984, p. 82). Portanto, uma hipótese bastante plausível é que a Casa A Electrica tenha produzido discos duplos com um selo sem identificação de origem como uma forma de escapar de problemas legais. Neste sentido é interessante observar que a marca *Apollo* não aparece na lista de marcas ligadas ao mercado fonográfico registrada na Junta Comercial de Porto Alegre ou do Rio de Janeiro, que são disponibilizadas por Franceschi (1984, p. 123-128) e Vedana (2006, p. 28-29), o que levanta a possibilidade de ser uma marca sem registro.

Mas há ainda uma questão a acrescentar. Porque criar um selo aparentemente exclusivo para relançar os fonogramas da fase inicial dos discos gaúcho? Ou melhor, porque criar um selo sem identificação do fabricante para relançar estes discos? Lembrando que não podemos afirmar que o selo *Apollo* seja exclusivamente relacionado ao selo “Gaúcho-rosa”, mas já que todos os nove fonogramas encontrados (em cinco discos) tinham essa relação, podemos afirmar que, pelo menos em grande parte, o selo *Apollo* tem ligação com a fase inicial dos discos *Gaúcho*.

Acontece que a Casa A Eléctrica costumava fazer repetidamente novos lançamentos de um mesmo fonograma, muitas vezes mudando o número de série e outros dados do selo, aparentemente para fazer parecer ao público que estavam comercializando novas gravações. É um fato bastante intrigante que os fonogramas da fase inicial da Casa A Electrica, lançados originalmente em selo “Gaúcho-rosa”, não apareçam frequentemente reeditados em selo “Gaúcho-tricolor”, a fase em que os discos eram feitos na fábrica própria da gravadora. Casos como o ilustrado nas figuras 12 e 13 não têm sido muito frequentemente observados, sendo importante ressaltar a necessidade de fazer comparações cuidadosas para diferenciar relançamentos de um mesmo fonograma e regravações distintas de uma mesma música. Mais uma vez, é possível que houvesse pontos contratuais que impedissem o relançamento daquelas matrizes iniciais gravadas pela Casa a Electrica, cabendo lembrar aqui que os discos desta fase foram prensados na fábrica Odeon do Rio de Janeiro, de propriedade do concorrente Fred Figner.

Enfim, é uma hipótese plausível a de que o selo *Apollo* tenha sido criado exclusivamente para relançar fonogramas burlando impedimentos legais, o que explicaria a ausência de identificação do fabricante no selo, sendo, pelo menos até o momento, o único caso deste tipo conhecido na fase de gravações mecânicas no Brasil.

Agradecimentos

Agradeço a Milton Schmidt e Gilberto Inácio Gonçalves por disponibilizarem discos de seus acervos pessoais para este estudo; a Marcos Abreu e Ricardo Eckert, dois profundos conhecedores dos discos Gaúcho, pela constante e valiosa troca de informações; a Bia Paes Leme por facilitar o exame da coleção de discos do Instituto Moreira Salles; a dois avaliadores anônimos, que enriqueceram o manuscrito com importantes sugestões e correções. Este trabalho faz parte do projeto “Discografia Brasileira: Os Pioneiros”, realizado com incentivo da Bolsa de Pesquisa em Música do Instituto Moreira Salles.

Referências bibliográficas

A FEDERAÇÃO (jornal de notícias), Porto Alegre, 4 de julho de 1913, página 5.

ARAGÃO, Pedro. Diálogos luso-brasileiros no Acervo José Moças da Universidade de Aveiro: um estudo exploratório das gravações mecânicas (1902-1927). *Opus* v. 22, n. 2, p. 83-114, dez. 2016.

ARAGÃO, Pedro. Gravações mecânicas no Brasil e em Portugal (1900-1927): entre indústria fonográfica, soundscapes e arquivos etnográficos. *Per musi*, Belo Horizonte, v. 36, p. 1-17, 2017.

CASCAES, Julio César Silveira. *Fonógrafos e gramofones: mediações técnicas em Porto Alegre (1892-1927)*. Dissertação (mestrado em História), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2016.

FARIA, Arthur de. *Um século de música*. Porto Alegre: CEEE, 2001.

FRANCESCHI, Humberto Moraes. *Registro sonoro por meios mecânicos no Brasil*. Rio de Janeiro: Studio HMF, 1984.

FRANCESCHI, Humberto Moraes. *A Casa Edison e seu tempo*. Rio de Janeiro: Sarapuí, 2002.

GONÇALVES, Camila Koshiba. *Música em 78 rpm: discos a todos os preços na São Paulo dos anos 30*. São Paulo: Alameda, 2013.

HEIDRICH, Paulo Ricardo & RAMOS, Paula Viviane. Impressos comerciais do Rio Grande do Sul. Macas registradas – 1878 a 1923. *Revista Seminário de História da Arte*, v. 1, n. 7, p. 1-32, 2018

PAIXÃO-CORTES, João Carlos. *Aspectos da música e fonografia gaúchas*. Porto Alegre: Editora Proletra, 1984.

PESSOA, Felipe; FREIRE, Ricardo Dourado. Fonogramas, performance e musicologia no universo do choro. *Música Popular em Revista*, Campinas, ano 2, v. 1, p. 34-58, jul.-dez., 2013.

PÉREZ-GONZÁLEZ, Nora Juliana. *A indústria fonográfica e a música caipira. Uma experiência paulista (1878-1930)*. Tese (Doutorado em História Social), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Departamento de História, São Paulo, 2018a.

PÉREZ-GONZÁLEZ, Nora Juliana. A cada moda, uma história: as primeiras modas de viola gravadas. In: 2º Jornada de Investigação em Música Latino-Americana, 2018, Foz do Iguaçu: NUPEMLA, 2018b. p. 104-128.

SANTOS, Alcino; BARBALHO, Grácio; SEVERIANO, Jairo; AZEVEDO, Miguel Ângelo (Nirez). *Discografia brasileira - 78 rpm (1902-1964)*. Rio de Janeiro: Funarte. 5 volumes, 1982.

SANTOS, Luana Zambiazzi dos. *A Casa Eléctrica e as primeiras gravações fonográficas no sul do Brasil: um estudo etnomusicológico sobre a escuta e o fazer musical na modernidade*. Programa de Pós-graduação em Música, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.

SILVA, Flávio Vieira da Cunha. *Tabela alfabética de discos Gaúcho*. Não publicado.

VEDANA, H. *A Eléctrica e os Discos Gaúchos* [com 3 CDs em anexo]. Porto Alegre: Petrobrás, 2006.

Submetido em: 17/02/2021

Aprovado em: 11/04/2021

Publicado em: 07/06/2021